

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.ºs	Semestre — 18 n.ºs	Trim. — 9 n.ºs	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 134	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	120		
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios).....	5\$000	2\$500	—	—		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	—	—		

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVAIS LOBATO — O imperio de Marrocos e a nova legação portugueza J. B. — Caminho de Ferro da Beira, J. B. — Successos do Egypto, R. — Recordações de Aveiro, MONTEIRO RAMALHO — Theatro da Rua dos Condes, MAXIMILIANO DE AZEVEDO — O Abandono, MONTEIRO RAMALHO — Ephemerides Artisticas Litterarias, SILVA PEREIRA — Publicações.

GRAVURAS. — José Daniel Colaço novo ministro plenipotenciario de Portugal em Marrocos — Caminhos de Ferro Portuguezes, Viaducto de Trezoi, Ponto de Mortagua, Viaducto de Criz, Viaducto de Milljoso, Viaducto de Breda, no caminho de ferro da Beira Alta — Successos do Egypto, O vice-almirante F. Beauchamp Paget Seymour — Vista geral de Alexandria — Comboio Blindado do general Alison — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Passaram-se dez dias e os assumptos são ainda os mesmos: a sr.ª Marini seguida de pontos de admiração por alguns criticos de facil paladar, de pontos de interrogação por outros de pessima bocca, de pontos de reticencias por outros de menos faças exigencias, a sr.ª Spelterini que se retira, o sr. Bargini que chega, a companhia lyrica de S. Carlos n'um horisonte proximo, e n'uns horisontes mais longiquos, um palacio de christal que se esboça com os seus bazares, e os seus salões, e os seus theatros, um jardim d'acclimação que se esquisca em doirados planos com o seu enorme *acquarium* povoado dos mais bellos peixes, com as suas jaulas cheias das mais authenticas feras.

São estes os assumptos que Lisboa põe ao nosso dispôr esta semana, e que nós vamos preparar para servir aos nossos leitores, sem os temperos violentos da rhetorica vistosa, e unicamente cosinhados com a simplissima *sauce* da sinceridade.

Esta escacez de assumptos inadiaveis, que se impoñham á nossa attenção, que em outro momento nos faria tanta tristeza como a escacez d'agua da companhia, nos contadores particulares, que no fim de tudo se vão parecendo muito com os contadores do Tribunal de Contas; — estão sendo verdadeiras sinecuras, — esta escacez diziamos nós, alegra-nos hoje, convem-nos, por que nos permite, porque nos obriga mesmo a fallar da sr.ª Marini.

Ora depois de tres columnas de Marini na chronica antecedente, nós não nos atreveriamos hoje a voltar ao assumpto — aliás muito agradável para nós — se tivéssemos factos urgentes e importantes estatelados na nossa carteira de noticiarista.

E precisavamos voltar. Ainda bem que esses taes factos urgentes não appareceram.

Precisavamos voltar por uma razão simples. Depois da nossa ultima chronica a sr.ª Marini obteve um *successo* collossal e merecido. Esse *successo* parecia ser a contradicção da nossa chronica. Precisavamos demonstrar em como o não era. Essa necessidade porém caducou: a demonstração fel-a a sr.ª Marini no *Adrienne Lecouvreur*.

Entretanto se essa necessidade passou, nasceu outra. Temos finalmente a sr.ª Marini em duas peças do grande repertorio dramatico, embora essas duas peças, sejam perfeitamente insignificantes sob o ponto de vista litterario e critico; são dois papeis illustrados pelas duas grandes tragicas da geração que desaparece — Soror

Theresa uma gloria da Ristori, Adrianna Lecouvreur, uma gloria da Rachel.

Precisamos portanto seguir a illustre actriz italiana n'esses dois papeis gigantes e ver se ella nos obriga a modificar a nossa opinião a seu respeito.

Vimos a sr.ª Marini na *Soror Theresa*, applaudimol-a com entusiasmo, e mantemos firmemente a nossa opinião.

A sr.ª Marini é uma actriz de grande talento, de consciencioso e profundo estudo, a quem faltam as condições phisicas para ser uma grande actriz.

Na *Soror Theresa*, o seu trabalho mais completo que tem feito em Lisboa, a sr.ª Marini tem ainda um lado vulneravel, o 4.º acto.

Quando a illustre actriz despe o habito de freira, arremessa para longe o veu negro que lhe cobria o rosto e apparece n'uma sala em toilette de baile, a grande actriz das scenas do claustro desaparece, e é substituida por uma actriz notavel decerto, mas irregular e desigual. Ahi, n'esse acto, já é preciso, que a expressão diga o que não dizem os labios, não ha como na scena com o marido no 2.º acto, o veu denso a encobrir a expressão do rosto, e a actriz é correcta no dizer, mas é incompleta na realisação do personagem.

No ultimo acto, na morte, em que a sr.ª Marini é aliás admiravel, porque tem um grande talento, a illustre actriz, procura os effeitos da agonia nos soluços repetidos e estridentes, mas evita cautelosamente, porque repetimos tem muito talento e é muito habil, todos os effeitos terriveis da agonia na expressão phisionomica. Ao lado da sr.ª Marini n'essa scena, está uma actriz que possui em alto grau esse recurso artistico, que lhe falta a ella, a sr.ª Leigheb, que é soberba d'expressão no modo aterrado e cumpungido com que espregia a morte de soror Theresa.

Na *Adrianna Lecouvreur* a sr.ª Marini continua a justificar-nos plenamente. Na scena d'amor do segundo acto, com o conde de Saxe, é esplendida, na recitação da fabula dos Pombos, é admiravel, quasi inexcidivel; no quarto acto, na scena com a princeza sua rival, em que a phrase nada vale, e a expressão e intenção são tudo, a sr.ª Marini cede a direita á sr.ª Leigheb, que é muito menos actriz do que ella, mas que tem, como já dissemos, uma phisionomia extremamente expressiva e na grande scena final d'esse acto, quando *Adrianna* chicotea as faces da princeza com os versos de Racine, a sr.ª Marini que não podia fulminal-a com o olhar, correu a uma declamação



JOSÉ DANIEL COLAÇO, NOVO MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DE PORTUGAL EM MARROCCOS
(Segundo uma photographia de Camacho)



exaggerada, que fez falhar o effeito d'essa scena de que tirava grande partido a sr.^a Emilia das Neves, que tinha muito menos arte que a sr.^a Marini, mas que tinha um olhar soberbo.

Na morte de Adrianna Lecouivreur, a sr.^a Marini arranca grandes applausos, e justos, porque a morte como a illustre atriz a interpretou, sabiu-lhe perfeitamente, mas, não fez a morte de Adrianna como a fazia Rachel, e como a imaginou o auctor. A Adrianna de Scribe depois do delirio, encara a morte placidamente, serenamente, relembra o seu passado de gloria, despede-se dos seus *deux amis*, e morre como luz que se apaga, uma imagem já velha, mas a peça tambem o é. A sr.^a Marini, morre pela suffocação e com certeza Scribe, — o Sancho Paça de Corneille, como lhe chamou Vacquerie apesar de todas as habilitade de prestigeador que fazia com os seus personagens, nunca se lembraria de pôr uma mulher que morre nas ancias da suffocação, gritando por ar, a fazer rhetorica sobre as *ardentes commoções do theatro e os largos estudos da arte*, o nada das coisas humanas e a despedir-se placidamente dos seus companheiros. Quem morre suffocado tem com certeza mais que fazer, do que fazer estylo.

A sr.^a Marini é uma actriz de muito talento, sabe a fundo da sua arte; e sabe rodear as difficuldades. As suas recitas em Lisboa tem sido um acontecimento; os seus trabalhos tem sido muito discutidos acaloradamente na imprensa; uns tem demolido a pobre Sarah Benhardt para a collocarem primeira entre as primeiras, outros tem gasto muita tinta para a passarem para o extremo opposto.

O ruido que se tem feito em torno da illustre artista obriga-nos a tratar d'ella, e a dizer sem as mais ligeiras parcialidades a nossa opinião.

Não a comparamos a Sarah Benhardt, não a achamos uma actriz excepcional, mas achamo-lhes um notavel talento, desacompanhado dos grandes recursos phisicos, que são metade da actriz.

Não somos dos do ponto de admiração. «É isto!!!!» mas tambem não somos dos do ponto d'interrogação. «É isto????» ficamos pelas reticencias.

—Basta de Marini, porém, senão cahimos na reedificação da chronica passada, mas antes de passarmos a outro assumpto não queremos deixar de registrar aqui o successo brilhante que o actor Leighb alcançou na *Bola de Sabão* e no *Fura Vidas*. O sr. Leighb é realmente uma notabilidade no genero comico, é um talento comico originalissimo, que se tem provado e accentuado cada vez mais, todas as noites no theatro dos Recreios, n'um repertorio enorme — porque Leighb entra em todas as peças á excepção d'uma ou duas — em que elle é sempre notavel e sempre brilhante.

A Spelterini foi-se embora. A estas horas está no Porto com o seu irmão e a sua corda, uma corda larga e grossa, que ao pé do delgado fio de ferro com que Blondin, acaba de atravessar o Leda, a 30 metros d'altura, faz triste figura.

A sr.^a Sepelterini fez certo successo em Lisboa onde já não era uma novidade senão para as creanças de 9 annos ou para as pessoas completamente desmemoriadas. Os seus trabalhos são notaveis muito mais pela audacia do que pela originalidade, e felizmente para o empresario do Passeio, o publico não descobriu a maneira de tornar esse espectáculo mais estranho e interessante.

Essa maneira era vêr a Spelterini de S. Pedro d'Alcantara. D'ahi, a gentil funambula, atravessando, com o seu vistoso fato prateado illuminado em cheio pela luz Dremont, o passeio sobre uma corda, que cá de longe se não via, tinha uma nota phantastica cheia d'encanto e de maravilhoso.

O publico não descobriu este modo de vêr de graça um espectáculo deslumbrante, que visto por dois tostões por cabeça era um espectáculo vulgar.

—O sr. Bargossi, succedeu á sr.^a Spelterini nas noites do Passeio Publico e na pasmaceira de Lisboa.

O sr. Bargossi é realmente uma novidade, e teve a rara felicidade de chegar a Lisboa no anno de 1882. Se viesse quatro ou cinco annos mais cedo, e fosse trabalhar ao passeio do Rocio o publico fugiria de lá espavorido, e a guarda municipal mandaria para lá a mais bem equipada das suas companhias.

Assim mesmo, na primeira noite, ainda houve alguns receiosos, os taes de boa memoria.

Ha quatro ou cinco annos, os cartazes do Passeio Publico, annunciavam umas corridas de andarilhos. O passeio encheu-se os andarilhos eram de tal ordem, que a paciencia do lisboeta esgotou-se — um caso raro! — e o espectáculo terminou á pancada, tendo muita gente que lá es-

tava em vez de pagar um tostão á porta do Passeio, de pagar seis mil réis á porta da Boa Hora.

E por muito tempo o publico ficou de pé atraz com andarilhos.

Felizmente o tempo tudo apaga, essa noite memoravel apagou-se da memoria dos lisboetas, e o sr. Bargossi teve uma enchente enorme.

E mereceu-a porque no seu genero é um artista distinctissimo corre com tanta velocidade, que a machina da locomotiva que o trouxe de Madrid. vinha toda córada de vergonha.

O sr. Bargossi é um homem sympathico e amavel: sua mulher como tambem o seu filho, idem, e o que vale á policia é esta familia ser uma familia honrada, senão fazia andar o Antunes e o Palmella n'um correpio.

Os seus trabalhos — unicamente correr são curiosos, mas são monotos — unicamente correr, é o caso de repetir, e só serão interessantes de véras no hyppodromo, quando apparecer algum bipede ou algum quadrupede, a bater-se com o sr. Bargossi.

Parece que brevemente teremos esse novo espectáculo.

—Cartazes de S. Carlos estão já ahi pelas esquinas com o elenco da companhia que no começo de outubro proximo deve principiar a funcionar em Lisboa.

N'esse elenco ha nomes de primeira ordem; que tem uma reputação brilhante no mundo lyrico, a De Reszke, a Pasqua, Vanda Miller, e não podemos adivinhar já o que será a epocha, mas o que podemos já certificar é que esse elenco é dos melhores dos grandes theatros lyricos da Europa.

E já uma compensação para os elencos desgraçados dos ultimos annos.

De proposito guardamos para o fim o nome mais notavel que figura n'esse elenco, o nome do Gayarre, hoje o primeiro tenor do mundo. Este tenor vem contractado para as recitas extraordinarias, e a esse respeito corre uma versão muito extraordinaria, e é que o governo se oppõe a que a empresa levante os preços nas recitas extraordinarias. A franquesa com que sempre tratamos as questões de S. Carlos, põenos com certeza ao abrigo da accusação de parcialidade, e por isso dizemos sinceramente a nossa opinião sobre o caso que é de veras extranho, e de grande prejuizo para o publico. Não comprehendemos em que logica se funda o governo para negar essa authorisação. O governo adjudica o theatro de S. Carlos a uma empresa sob estas condições. Para garantir ao publico um theatro lyrico de 1.^a ordem, e por preços rasoaveis, o governo impõe á empresa, um numero determinado de recitas, em determinados dias, com preço marcado, e companhia perfeitamente indicada. A empresa cumpre este contracto: está feito tudo, o governo obteve o que queria, que o publico tivesse tantas recitas, por tal preço e com tal companhia. Depois o governo não tem nada mais com a empresa quer fechar o theatro? Feche-o, quer abril-o? Abra-o. Põe as cadeiras a 50 réis ou a 50 libras? isso é com ella e com o publico. É caso? O publico que lá vai vá. Na 1.^a hypothese podia ainda intervir para não rebaixar o theatro, na segunda não. As recitas ordinarias são as garantidas ao publico: as outras perfeitamente voluntarias da empresa. E francamente como é que Lisboa hade ouvir as grandes celebridades lyricas que ganham por noite mais do que o rendimento actual d'uma enchente em S. Carlos? É profundamente illogico insensato e prejudicial para o publico e para a arte, esta intervenção do governo, se tal intervenção existe. Voltaremos ao assumpto que hoje somos forçados a abandonar, como somos forçados a deixar o palacio de Christal e o jardim d'acimação para uma semana em que tenhamos mais espaço. Hoje apenas nos resta para a assignatura.

Gervasio Lobato.

O IMPERIO DE MARROCOS

E A

NOVA LEGAÇÃO PORTUGUEZA

Portugal que durante o seculo XVI tomou parte sempre em assumptos politicos que interessavam á humanidade, o que não podia deixar de ser porque era então a primeira potencia maritima do mundo, que ainda no principio d'este seculo

se achou tão envolvido nos negocios politicos do mundo, parece de então para cá ter esquecido completamente que o nosso paiz não se limita só a esta pequena faixa de terreno, entalada entre a Hespanha e o Oceano, antes por esses mares além devassados, primeiro pelos portuguezes, existem terrenos vinte vezes mais extensos que este pequeno paiz, onde se falla a sua lingua, onde vivem portuguezes, e onde a bandeira das quinas fluctua sobre a crista de algumas fortalezas, infelizmente a maior parte desmornadas.

Sem se lembrar de um proverbio caseiro que diz: *quem não apparece esquece*, tem deixado de concorrer a muitos concertos europeus, onde podia e precisava apparecer, porque entretido com o seu viver caseiro, não repara que muitas vezes lhe pôde vir de fóra muito damno, muito prejuizo por não fazer ouvir a sua voz, ainda muito respeitada nos grandes diplomatas dos primeiros quartéis d'este seculo.

Por isso não podemos deixar de celebrar como uma cousa extraordinaria, mas cuja utilidade e proveito nem mesmo ainda hoje se pôde prever, a resolução tomada ha pouco, de elevar a nossa representação em Marrocos ao grau de legação.

Se celebramos com justo regosijo esta sabia e atilada resolução, não podemos deixar de lastimar que ella não fosse tomada ha mais tempo, quando outras nações que não teem com Marrocos as minimas relações de proximidade, de commercio, de tradições emfim, ali se acham representadas ha tanto tempo por este modo.

A Hespanha, e a Inglaterra, mais directamente interessadas teem ali o seu representante; a Italia vem logo em seguida, assim como a França a Alemanha e até a Belgica, e as outras nações que não se acham representadas, tem os seus negocios a cargo do ministro britannico ou de outro.

E o governo andou perfeitamente encarregando d'essa alta missão n'aquelle imperio o nosso antigo consul em Tanger o sr. José Daniel Colaço.

Oriundo de uma familia de ha mais de um seculo estabelecida em Tanger, a sua posição especial, pelas muitas relações contrahidas n'um imperio de usos e costumes tão diversos dos nossos, e o profundo conhecimento d'esses costumes, habilitam-no a poder tratar todas as questões, resolver todas as duvidas, entabolar todos os negocios sem choques, nem attritos de especie alguma, auxiliado de mais a mais com a sua facilidade de fallar o arabe da Berberia.

Ligam-nos a Daniel Colaço, os laços da mais estreita amizade, desde os bancos das aulas, e nunca se riscaram do nosso espirito os traços distinctos d'aquella phisionomia caracteristica, nem os thesouros de talento d'aquella natureza artistica privilegiada, que tão distincta se tornou entre os mais distinctos discipulos da Academia das Bellas Artes do seu tempo.

Quando ha dois annos soubemos da sua propria bocca — porque se outro nol-o dissesse não o podiamos acreditar —, que depois que fora para Tanger tinha abandonado a pintura, e que só havia cinco ou seis annos que tornara a pegar nos pinceis de quando em quando para se desfadar, não podemos reprimir a fraternal reprehensão, que nos rompeu dos labios involuntariamente.

José Daniel Colaço nasceu em Tanger a 25 de junho de 1831. Foram seus paes Jorge José Colaço, consul geral de Portugal junto ao governo de Marrocos, já fallecido, e D. Maria das Dores Macuamara, natural de Cadix, descendente de uma familia dinamarqueza.

Quando contava doze annos foi o pequeno Colaço para Cadix encetar os seus estudos litterarios.

Por occasião da guerra entre a França e Marrocos, 1844, encontrando-se em Tanger, viu-se com a sua familia na mais critica situação, porque os berberes tentavam apoderar-se dos christãos, como refens, contra os ataques da esquadra franceza commandada pelo principe de Joinville, que ameaçava bombardear Tanger. Conseguindo, a custo, a sua familia bem como os mais christãos embarcar para bordo de navios estrangeiros, foram conduzidos a varios pontos de Hespanha, sendo a sua familia desembarcada em Aljeciras.

Finda a guerra voltaram para Tanger, e no consulado a cargo de seu irmão Jorge Raymundo começou José Daniel a prestar serviços.

Em 1845 veio José Daniel Colaço para Lisboa, afim de seguir o curso da Academia de Bellas Artes, por ter denotado muita habilitade e talento para as artes do desenho.

Já acima dissemos alguma coisa a este respeito e agora acrescentaremos, que a sua figura na Academia foi brilhantissima, alcançando todos os annos distincções e premios.

Foi no anno lectivo de 1851 a 52 que nos encontramos na escola polytechnica, que elle então frequentava, sendo collegas em algumas aulas.

Tinha abandonado por algum tempo a Academia, mas voltou a ella em 1853 ou 54. Ainda nos lembra, como se fosse hoje, um Sansão subjugando o leão, esboço de prova para um dos ultimos annos, que era um primor de composição e execução. Este quadro obteve a medalha de ouro no concurso d'esse anno.

Em 1856 voltou a Tanger, tendo a honra de receber em sua casa sua magestade el-rei D. Fernando, quando foi visitar os portos do sul da Hespanha e de Marrocos, acompanhando-o Colação a Tatuán e Gibraltar, de cuja viagem publicou um resumo no *Archivo popular*.

Regressado a Tanger continuou a auxiliar seu irmão, merecendo pela maneira com que sempre o substituiu a sua nomeação para o cargo de vice-consul.

Em 1859, receando-se grandes commoções pela morte do sultão de Marrocos Abderahman, enviou o nosso governo para Tanger uma divisão naval, com o fim de proteger os nossos irmãos n'aquelle imperio, a cuja frente foi o então infante, hoje rei, Senhor D. Luiz, ao qual acompanhou a bordo do navio chefe, a corveta *Bartholomeu Dias*, o nosso vice-consul, que então se achava em Lisboa.

E' notavel o prestigio que os portuguezes conservam em todos os paizes, onde dominaram.

Dizem que não soubemos colonisar, que não soubemos governar, nem estabelecer dominio seguro, mas estrangeiros imparciaes, em toda a parte do mundo, teem, comparando a denominação prolongada hollandeza, ou ingleza com a nossa muito mais curta, notado os vestigios profundos e indeleveis que esta deixou, e que aquellas não tem conseguido assignalar entre os indigenas.

Assim, quando a nossa pequena força naval appareceu nas aguas marroquinas, o effeito foi pasmoso, e a imaginação dos mouros, ainda impressionada tradicionalmente com a memoria dos nossos feitos, espalhava que hiamos de novo conquistar o paiz e que tinhamos razão: *porque nos pertence*.

Que mais é preciso a politicos habeis para estabelecerem definitivamente uma preponderancia effizaz em tal paiz?

E tal a influencia do nosso nome entre aquelle povo, apesar dos erros politicos que fizeram com que abandonassemos o seu territorio, que o apparecimento da nossa esquadilha foi sufficiente para serenar os animos e evitar todos os trans-tornos, que muitas vezes succedem n'aquelles estados com a mudança de imperante.

(Continúa).

J. B.

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA

(Continuado do n.º 135)

A segunda parte d'esta grande via de comunicação é a linha da Beira Alta.

A extensão d'esta linha é de 202 kilometros ou quarenta leguas e dois kilometros.

O terreno accidentado da Beira Alta, quasi todo de grandes montanhas, faz com que n'aquella extensão sejam 108 kilometros em alinhamentos rectos e os restantes em curva. Assim não é de espantar que os seus movimentos de terra, accusem uma excavação em rocha, cujo volume sobe á enorme verba de 7:224:100 metros cubicos.

Tanto é macio o perfil da 1.ª parte do caminho, da Figueira á Pampilhosa, tanto é accidentadissimo o d'este ponto a Villar Formoso, seu outro extremo.

Partindo da estação da Pampilhosa com a cota de 69^m,5 acima do nivel do mar, sobe até Luso e d'ahi passa no tunnel do Salgueiral a 218 metros, descendo até Mortagua, onde tem a cota de 94,2; deste ponto vae subindo sempre, com ligeiras interrupções até Mangualde, e pouco adiante d'aqui passa no tunnel de Mourilhe com a cota de 477^m, descendo depois até Fornos d'Algodres onde tem a cota de 377^m,9. D'aqui torna a elevar-se quasi constantemente até á estação da Guarda, onde chega á altura de 810,9, a mais consideravel de toda a linha, descendo d'ahi até passar o rio Côa em 659^m,9 de altitude, subindo depois até Villar Formoso onde finda com a cota de 781,5.

Em planta, assim mesmo apesar do grande numero de curvas, que absorvem pouco menos que metade da extensão da linha, apresenta esta um

trajecto ligeiramente sinuoso desde a Pampilhosa até Villa Franca das Naves. Curvando-se da Pampilhosa para o norte até Luso, e d'ahi recurvando-se para o sul até Santa Comba, d'ahi torna a curvar-se para o norte até Mangualde, recurva-se para o sul a Gouvea e Fornos d'onde volta ao norte chegando a Villa Franca. Deste ponto, o mais ao norte da linha, desce então em uma grande curva para o sul tornejando a Serra da Estrella passando em Pinhel, Guarda, Villa Fernando até meia curvatura, indo a outra metade volvendo ao norte por Cerdeira, Freineda até chegar a Villar Formoso.

Esta linha sae da estação da Pampilhosa, estação de primeira classe, que em tempo descreveremos, aonde as vias teem disposição identica á da da estação do *Entroncamento*, no caminho de ferro de norte e leste. Entre este ponto e Luso encontram-se duas pequenas pontes de taboleiro metallico, a primeira sobre o ribeiro Canedo com dez metros de abertura, e a segunda sobre o Tejo com quatro metros. Encontra-se em seguida um pequeno tunnel de quasi cincoenta e oito metros que passa sob a estrada da Mealhada a Vizeu, e que é feito em curva. Apesar d'estas obras não serem muito importantes, houve muita difficuldade na sua execução por causa da natureza do terreno.

Deste tunnel chega-se logo á estação de Luso de quarta classe. A sahida entra-se logo no viaducto das Varzeas. (*Veja-se o nosso numero anterior.*)

Este viaducto é o mais extenso de todas as pontes metallicas d'este caminho de ferro. Mede 328 metros de extensão, tendo de altura maxima 41 metros desde a parte mais profunda do valle até ao nivel dos carris. O taboleiro é de via intermediaria, cujo nivel dos carris, fica 2 metros abaixo da aresta do banzo superior da viga, formando assim um parapeito, que póde prevenir sinistros em caso de descarrilamento. E' composto de duas vigas principaes, afastadas 4^m,90 de eixo a eixo, dando a altura de 4^m,10, ligadas por uma grade onde repousam os carris; é dividido em sete tramos por pilares tambem metallicos, assentes sobre macissos de alvenaria, e solidamente construidos. Dois tramos são de 35 metros e os outros cinco de 42. Nos encontros ha passagens inferiores, sendo uma de 10 metros de alvenaria, outra de 21^m,50 de taboleiro independente de ferro.

Os materiaes empregados na sua alvenaria foram o grés vermelho da Lameira e o pudding do Salgueiral. O custo d'esta obra foi de 130:737\$000 (ou 726,318 francos).

Os projectos foram apresentados pela casa Eiffel, que se obrigou a fazer os encontros comprehendendo caboucos, a 8:100 réis o metro cubico, executar o taboleiro metallico a 130\$500 réis o metro corrente, e os pilares a 117\$300 réis o metro de altura.

Este é o typo geral dos viaductos da linha, modificado, segundo as circumstancias da obra; afasta-se d'elle o do Dão, que já reproduzimos a pag. e cuja descripção daremos no lugar opportuno.

D'este ponto até Santa Comba-Dão são tantas as obras de arte, determinadas pelas circumstancias do terreno, que é impossivel, sem querer fatigar os leitores, dar d'ellas uma descripção minuciosa. Faremos apenas ligeiras descripções que se completarão por ventura, quando reproduzirmos algumas em gravura.

Já se vê, que nos abtemos de fallar das muitas escavações e trincheiras, algumas das quaes attingem no seu eixo a altura de 20 metros, por que isso então fóra tarefa interminavel.

Como o caminho deve ser visitado por todos que amam o progresso do paiz, valle mais uma vista de olhos, para fazer idéa das grandes difficuldades de construcção, do que quantas descripções poderemos dar.

A primeira obra depois d'esta que se encontra é o tunnel de Portinhos, de 75 metros de extensão e em alinhamento recto. Segue-se outro um pouco mais consideravel, de 102, 42 de comprimento, tambem em alinhamento recto.

Chega-se depois á obra mais consideravel da linha, o tunnel do Salgueiral. O seu comprimento total, em alinhamento recto, é de 100 metros. Foi aberto em pouco mais de dois annos, tendo começado a sua perfuração com intervallo de um mez pelos dois lados, e achando-se terminada a 20 de abril de 1881. Os primeiros 500 metros de abertura foram cortados de grandes difficuldades, augmentadas pelas chuvas torrencias que invadiam constantemente os trabalhos. Foi construido pelo empreiteiro Dellparchy, é de secção uyptica, e forrado de pedra ás fiadas regulares.

Continúa).

J. B.

SUCCESSOS DO EGYPTO

III

Em virtude d'esta insurreição, acalmada um tanto pela interferencia do controller britannico, estando ausente o consul francez, foi demittido o ministerio, e chamado á presidencia d'elle Cherif-pachá, considerado chefe do partido nacional.

Cherif-pachá apresentou ao khediva o seu plano de governo, que consistia principalmente nos seguintes pontos: estabelecimento de um conselho de estado; continuação das negociações interrompidas, para a conservação dos tribunaes internacionaes; reforma completa dos tribunaes indigenas; entabolar negociações com as potencias occidentaes, para a conclusão de convenções commerciaes. Fazia uma apreciação justa dos serviços prestados pela commissão financeira europeia na consolidação das finanças egypcias, e consignava a necessidade de sustentar essa especie de junta de credito, porque ella era a principal força do governo egypcio.

O khediva conformou-se completamente com este programma, e fez notar quanto importava á prosperidade da nação a conservação da referida junta.

Emquanto estas cousas se passavam no Egypto, e que parecia ter serenado a tempestade que se havia levantado, a Turquia, julgando conveniente aproveitar o ensejo para retomar n'aquelle estado suzerano a auctoridade que desde o principio d'este seculo havia perdido, começou a fazer movimentos diplomaticos e de outra natureza, para intervir completamente nos negocios do Egypto, como tambem quiz fazer em Tunis.

A Europa, ou antes, a Inglaterra e França, não podendo prevér bem o alcance que uma intervenção d'essa ordem poderia tomar, trataram de desfazer essas velleidades politicas da Turquia, que os successos dos ultimos dois mezes talvez possam vir a demonstrar ainda, que já então eram as inspiradoras do movimento revolucionario, que depois tomou maior incremento.

Deixando por um pouco as cousas n'este estado, para mais adiante encadeiarmos a ordem dos successos, faremos uma descripção rapida do Egypto.

Os estados do khediva constam de duas partes principaes: o Egypto propriamente dito e as possessões fóra d'elle, mas annexas.

O Egypto é limitado ao norte pelo Mediterraneo, ao sul pela Nubia, a oeste pelo grande deserto da Lybia, e a leste pelo mar vermelho, e hoje o canal de Suez, outr'ora isthmo.

A sua extensão é de 380 kilometros de norte a sul, e de 500 de nascente a poente. Divide-se naturalmente em tres regiões o baixo, o medio e o alto Egypto.

Seguem-se os desertos, semeados de oasis que cercam pela direita e esquerda esta parte, e as outras partes que já dissemos e são suas dependencias.

Avalia-se a população total do Egypto em 17:500:000 de habitantes; mas, o que é certo, é que, no Egypto propriamente dito, contam-se apenas cinco milhões e meio, nas possessões (Nubia, Kordofan e Dar-for), cinco milhões e um quarto, e nos paizes do Sudan e provincias quatoraes, é calculado existirem seis milhões e meio de almas.

Não é muito facil fazer uma estatistica d'esta ordem em paizes musulmanos, mas são estes os calculos que passam por mais approximados, podendo, porém, soffrer grande diminuição ou augmento.

No Egypto propriamente dito ha muitas cidades importantes; taes são: a antiga cidade do Cairo, capital do Estado, com 328:000 habitantes. Alexandria (que a nossa gravura hoje representa) com 165:000 habitantes; Damietta com 32:000; Tanta com 60:000; Rosetta com 16:000; Suez com 11:000; Suakin com 4:600; Port-Said (que em 1880 segundo as estatisticas tinha 13000 e hoje; 3850); Zagazig com 38 a 40:000; Syut com 27:000; Damanhur com 25:000, Mansurah com 16:000; Massawah com 2:700; El-Arich com 2:500; Ismailia com 1890, etc.

Alexandria fundada por Alexandre magno ha 2214 annos, no local onde em tempo dos Pharaós havia um pequeno logarejo, está situada n'uma pequena lingua de terra entre o Mediterraneo e o antigo lago de Marcotis.

R.



[CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — 1 VIADUCTO DE TREZOI — 2 PONTE DE MORTAGUA — 3 VIADUCTO DE CRIZ — 4 VIADUCTO DE MILJOSO
5 VIADUCTO DE BREDÁ, NO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA

(Segundo photographias)

RECORDAÇÕES D'AVEIRO

II

Estendem-se ao longo da ria, em cada margem, umas bellas ruas largas, verdadeiros passeios, alegres e convidativos, que me disseram serem por vezes extraordinariamente concorridos, havendo por alli enormes reboços e chieira festiva de multidão passando as tardes familiarmente. Nunca as vi senão desertas, quando muito percorridas de longe em longe por alguns nomades de gabão escorrido; e póde-se bem dizer que poucas ruas aveirenses lhe levam vantagem na concorrência numerosa. O burguez e o pescador teem, não ha que duvidar, um decidido amor ao conforto caseiro; e quem mais se vê pelas ruas, lidando, tratando da vida, é a tricana servçal, quasi sempre bonita, raramente mal feita, viva, risonha, respondendo aos dichotes, sorrindo abertamente se isso lhe appetee, e caminhando imperturbavelmente — se não lhe convém parar. A nossa conhecida *varina* encontra-se menos que a tricana elegante, e é geralmente grosseira e feia, mal vestida, e olhando-nos torvamente como que com surra-teiras precauções selvagens.

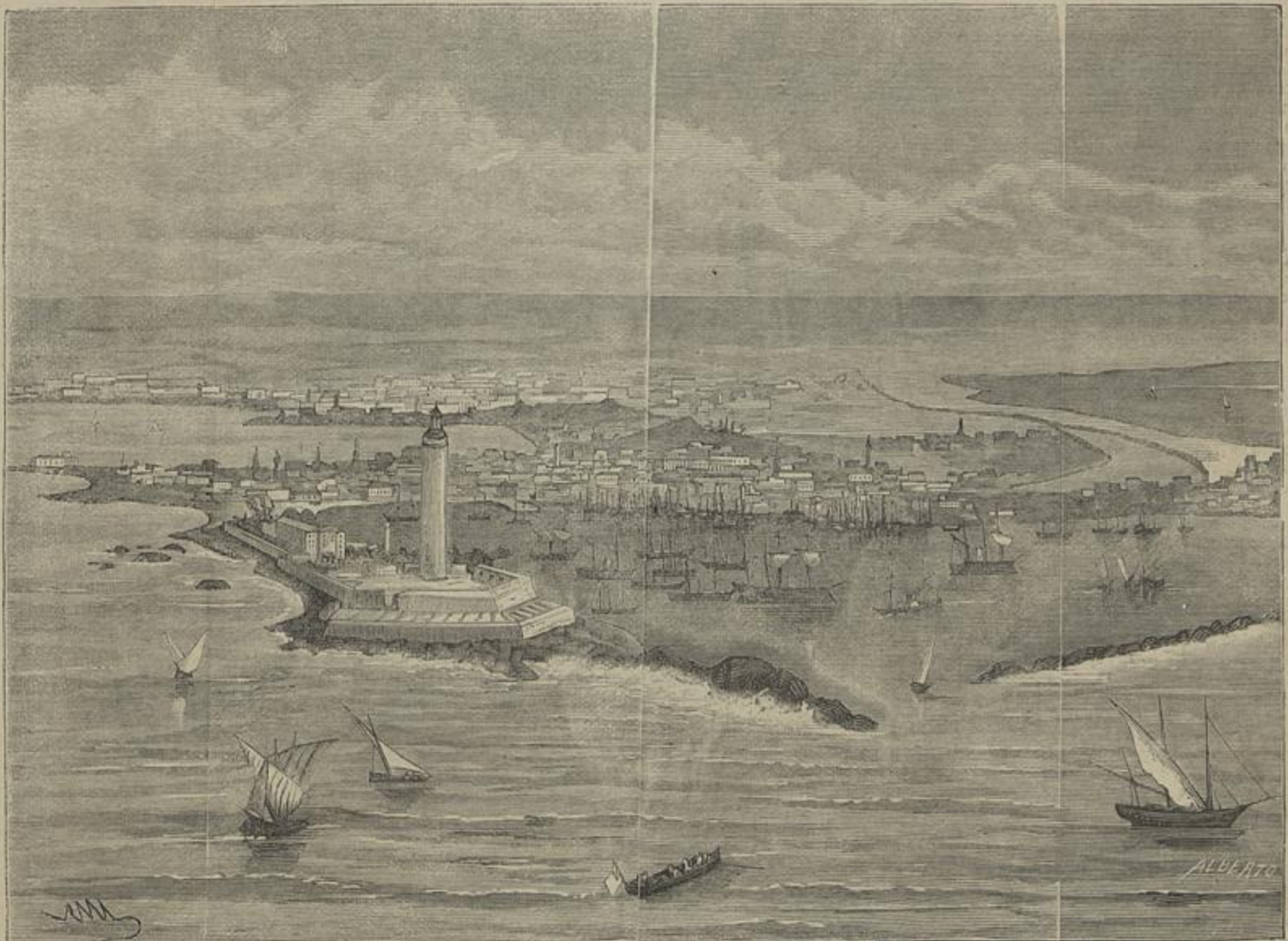
Recommendo, portanto a tricana ao leitor interessado, como um appetitoso exemplar do femeaço de Aveiro, perfeitamente digno de o representar na sua legendaria reputação, arrogante de bellezas acabadas, feiticeiras; — no que, até certo ponto, se demonstra bem



SUCCESSOS DO EGYPTO — O VICE-ALMIRANTE F. BEAUCHAMP PAGET SEYMOUR

todo o poder inventivo e enganador da lenda phantasista!

Mas, como em toda a parte, ha em Aveiro o indispensavel ponto de reunião da ociosidade elegante e importante, pequena imitação da Havaneza e da Arcada, canto eleito para o despejo das vistosas vaidades e exquisitices provincianas, cavacos, descomposturas, odios disfarçados ou rudemente explosivos, mexeriquices inveteradas, troças, e um rancor surdo para as capitães. E' tambem sobre a ria, debaixo d'uma antiga e tosca arcaria, onde ha varios estabelecimentos bons; encostam-se por alli os pequenos peralvilhos, empregados publicos com certa gravidade e bigodes, militares destacados, e mais variados especimens da fauna local, todos de fina selecção e porte garboso. Se passa um estranho qualquer, faz-se no grupo um grande movimento de surpresa, dilatam-se orbitas, avançam pescoços esgalgados; e se na farpella do forasteiro ha uma nota discordante, ou se elle pretenciosamente entala no sobrólho franzido a acerada ironia d'um monoculo faiscante, vê-se logo quanto isso escandalisa e fere aquella estimavel gente, pelos olhares de consternação que se trocam, e pelos desolados gestos de imploração que sobem ao ceu, ferventes de branco d'olho revirado. Isto convenceu-me de que, afinal, quer seja no Chiado ou nos Clerigos, quer seja debaixo da arcaria aveirense, o centro do bom tom, o sitio escolhido e preferido pelas distinctas rodas, reúne sempre o mesmo viveiro de excellen-



SUCCESSOS DO EGYPTO — VISTA GERAL DE ALEXANDRIA



tes patuoscos, — fazendo constantemente esforços desesperados para não parecerem ridículos, na sua ociosidade elegante, importante, e petulante. Mesmo a proposito dos citados Clerigos, offerece-me notar que Aveiro, como todas as principaes povoações do norte, resente-se d'uma grande influencia poderosa e incontestavel dos feitos, vida e costumes portuenses, desde o corte dos casacos até á structura das casas.

O que me espanta é eu ter vindo até aqui sem ainda uma vez só lhes fallar em José Estevão! E' absolutamente o contrario do que succede lá, na bella cidade reconhecida ao seu tribuno, a quem deve prosperidades enormes; cada pessoa que encontramos nos entretém do grande homem celebrado; em cada rua que passamos são-nos apontados vestígios da sua pessoa, passadas marcadas no chão, uma velha capella que soffreu tal dito mais violento que espirituoso, um transeunte idoso que foi seu intimo amigo ou sua victima desgraçada, uma casa que elle habitou; e por toda a parte o tribuno apparece, vive, paira como uma sombra querida e protectora, a todo o instante thuribulada, religiosamente, e que para sempre existirá, amada e accrescentada com arabescos e phantasiosas pompas de lenda, em que se irá fundindo gradualmente a gratidão eterna de Aveiro. O magnifico edificio do lyceu a quem é devido? A José Estevão. A estação do caminho de ferro? A José Estevão. A larga e pittoresca estrada da Gafanha? A José Estevão. — Uma comprida rua, subindo em curva, espaçosa e bem tratada; é a rua de José Estevão; e quando um dia passava pela vasta praça Municipal, vendo lá uns obreiros desbastando laboriosamente umas bellas pedras vermelhas, perguntei indifferente para que era aquillo...

— Para o monumento de José Estevão!

Monteiro Ramalho.

THEATRO DA RUA DOS CONDES

Em outro officio, dirigido em feveiro de 1784, pelo intendente de policia ao arcebispo de Thesalonica, ministro assistente ao despacho real, conta-se que o beato D. Pedro III chamara a si a resolução do caso dos estrangeiros que trabalhavam com bonifrates.

Como é sabido, o tio e marido de D. Maria I gostava de consagrar ás representações theatraes os momentos que as praticas devotas lhe deixavam livres.

Estando Manique em duvida sobre se deveria fazer cessar de todo aquelles espectaculos, foi chamado pelo principe, que lhe ordenou consentisse as representações de entremeses e pantomimas, e mandasse sustar o despejo intimado aos «comicos que nas peças executadas de improviso, envolviam materias que não era conveniente se expozessem ao publico».

Nem por isso se convenceu Pina Manique de que não existisse a inconveniencia, e fez até longas reflexões no mesmo officio em abono da sua opinião.

A pecha que menos se lhe poderia imputar era certamente a da cortezania.

Antes, porém, responde a uma pergunta que lhe dirigira o arcebispo. Quería este saber quem expedira a ordem ao desembargador Guilherme Baptista Garbi determinando-lhe que chamasse para Lisboa os comicos portuguezes, que se achavam dispersos pelos theatros do reino. Garbi, como inspector do theatro da Rua dos Condes, estribara-se na determinação regia que permittia se representassem n'aquelle theatro operas com figuras inanimadas, e alem d'isso attendera á vontade manifestada por el-rei ao intendente Manique.

Nos annos que decorreram depois d'isto continuou a ser variado o repertorio do theatro da Rua dos Condes. Em 21 de feveiro de 1787 foi remettido ao ministro do reino José de Seabra da Silva, pela intendencia geral da policia, o drama sacro ou oratoria—*Martyr Santo Adrião*, que se achava «licenciado» pela meza da commissão geral sobre o exame e censura de livros, para ser levada á scena conforme pediam os empresarios d'aquelle theatro.

A arte de representar tinha no entretanto descido á ultima abjecção, principalmente pela ordem absurda, que inhibia ás mulheres a carreira dramatica.

William Beckford, no seu interessante livro *Italy with sketches of Spain and Portugal*, dá-nos em poucas palavras uma ideia completa do que fossem as representações scenicas no anno de graça de 1787.

Eis as palavras do finissimo e malicioso escriptor inglez, copiadas de uma carta datada de 14 de julho do mencionado anno.

«O spectaculo causou-me mais enfado que distracção. O theatro é baixo e estreito, e os actores, pois não ha actrizes, estão abaixo da critica.

«Havendo as absolutas determinações de Sua Magestade expulsado as mulheres do palco, são os papeis d'estas desempenhados por desenxabidos rapazes. Julgue-se o curioso effeito que esta metamorphose produzirá, especialmente nos dançarinos. Aqui, vê-se uma alentada pastora de candidas vestes virginaes, ostentando macia barba azulada e proeminentes clavículas, empunhar um ramillete com uma mão capaz talvez de derrubar Goliath. Um rancho de leiteiras segue-lhe as enormes passadas, levantando a cada movimento as saias acima das cabeças. Estiramentos, saltos e olhadelas assim, nunca eu tinha visto nem espero tornar a ver».

Temos ainda hoje uma usança carnavalesca que nos pode transportar a imaginação para os espectaculos dos nossos theatros, no tempo de D. Maria I; as danças chamadas phyrricas, cujas bailarinas são geralmente espadaudos latagões.

A este mal juntava-se outro. Refiro-me aos estupidissimos elogios dramaticos que estiveram em voga por aquelle tempo.

Na collecção de peças levadas á scena na Rua dos Condes, é que a Bibliotheca Nacional de Lisboa possui, encontram-se dois elogios, ambos representados no anno de 1789.

Intitula-se um *Alegria geral da nação toda*, e celebra a *melhoria do serenissimo Sr. D. João, amabilissimo principe do Brazil*.

Festejavam o facto, e teciam o elogio de quem foi depois D. João VI, os seguintes interlocutores: Portugal, Lisia, Esculapio, Apollo, Homero, Anacreonte, Virgilio, Ampheão, Orpheo, Sapho, Horacio e Camões.

Deve convir-se em que a estupidez humana não pode ir mais longe.

O outro elogio denomina-se *A alegria dos deuses* representou-se no dia 13 de maio d'aquelle anno, anniversario natalicio do mesmo principe.

Os personagens da monstruosidade scenica eram as seguintes: Tejo, Protheo, Neptuno, Minerva, Mercurio e Jupiter.

Estas peças tinham sempre custoso scenario e complicado machinismo.

Diz Volkmar Machado que o pintor Manuel da Costa, que em 1787 foi empresario da Rua dos Condes com Domingos de Almeida, contentava o publico com as lindas *tramoias* que ali fazia, para os elogios. Costa fora discipulo de Simão Caetano Nunes.

Da abjecção da arte scenica resultava necessariamente a abjecção do artista.

Procurara o Marquez de Pombal no já citado alvará de 1771 destruir o preconceito que irrogava infamia á profissão do actor. Não o conseguiu.

(Continúa).

Maximiliano d'Azevedo.

O ABANDONO

(Conclusão)

O Zé ficou todo arreliado com o desaparecimento inesperado do carro, e esteve muito tempo a olhar, pertinazmente, esperando ainda vê-lo reaparecer lá no alto, menos explosivo de barulheiras estridentes; depois, desesperado, pungi-lhe mais viva a sensação do seu abandono fatal e doloroso; porém agora, tomado d'uma surda raiva, já não podia chorar, tendo-se-lhe exgotado ha pouco as lagrimas na expansão lamentosa de uma dôr inutil. Mas tinha medo da noite, e lá para cima, sob as nuvens escurantadas, a sombra começava a descer surranteiramente; ao mesmo tempo que o azul, d'onde lentamente a luz desertava, ia tomando gradualmente uns tons acinzentados, mais asperos e com vagas apparencias de laminas largas e ternas, levemente embaciadas, para os lados do poente. Entretanto, uma aragem humida corria já, e sob os seus golpes finos e penetrantes, o Zé, meio nu e molhado, teve frio e pôz-se em pé, fugindo ao contacto do musgo encharcado, esponjoso, que revestia o penedo; então, na paz silenciosa que dominava, religiosamente, o campanario distante soltou morosamente os sons plangidos e doces das Ave-Marias, que foram echoando pelas quebradas melancolicas, perdendo-se pouco a pouco em sonoridades mysticas de cantos aereos. Tudo annunciava a noute, n'uma inconsciencia impiedosa; e o pequeno, pela primeira vez, chegou a dar alguns passos, fustigado por uma necessidade ansiosa de fugir. Mas para onde? E parando triste-

mente, aterrado pela serenidade muda e sinistra da natureza selvagem, brutal, comprehendeu que a noute o apanharia alli, sósinho e impotente, envolvendo-o rudemente na sua crepe tenebrosa. Tornou a sentar-se, quasi heroico na sua relativa resignação de martyr bem tenro; mas o pavor ganhava-o, inevitavelmente, e de novo elle se pôz a chorar, trémulo e balbuciando o nome consolador de sua mãe. Entretanto, aquella hora em que já estaria deitado, em casa, a fome torturava-o um pouco, e o seu estomago desoccupado chorava tambem saudades fundas e enternecidas, pelo habitual caldinho escoltado sempre por um bom pedaço de brôa; ao mesmo tempo, o somno insaciavel e poderoso reclamava de vez em quando, persistentemente, a sua prêza de todos os dias; e auxiliado pelo cansaço acabrunhadôr d'aquella tarde laboriosa e terrivel, em breve se assenhoreou protectionalmente do pequeno abandonado, cobrindo-o com as suas azas fortes de morcego affectuoso, emquanto que o crepusculo a expirar velava tudo, vagamente, d'uma obscuridade indefinida. No meio da solidão immensa, recolhida e fria, aquelle pobre corpo de creança derrubado pelo somno era um ingenuo e sereno desafio á ferocidade lendaria da treva.

Noite fechada, o rebanho do Ramela atravessou correndo a rua principal do logarejo, desenrolando mansamente a travessia do silencio imperante o seu ruido caracteristico de innumeradas patas pisando miudamente, pelles lanzudas roçando-se, e choques brandos de cornaduras, por cima do que se espalhava a nota singela dos pequenos chocalhos tintinnabulando dôcemente; o pastor, retumbando grandes passadas de sóccos grossos, dava atraz, continuadamente, os seus assobios e bordoadas longas pelas pedras do caminho, tendo ás vezes de enxotar, todo zangado, chibos garotos que se proporcionavam a phantasia de passar pelos telhados de casas baixas. Quando chegaram ao *rocio*, a Angelica disse ao companheiro a sua despedida usual:

— Té amanhã.

E elle, na sua ternura laconica, recommendou:

— Olha se caes por hi, rapariga.

Então ella, tomando o caminho lamacento da fonte, acordou o Zé, que trazia ao collo dormindo socegado. O pequeno tivera lá em baixo, sobre os penedos, um sonho extravagante. Estava abandonado de noute n'um monte coberto de neve, em que o luar macio punha uma immensa coagulação de leite, ondeada e scintillante; elle chorava desesperadamente por sua mãe, quando um lobo se aproximou d'elle, a passo, arrastando o rabo e d'orelhas fitas; emquanto o pobre Zé tremia como um vime em mãos de podador, sentindo-se estrangulado, sem poder gritar, o lobo sentou-se pacificamente ao lado d'elle, e com o olhar intelligente parecia aconselhar-lhe que não tivesse medo; e uma vez, paternalmente, chegou mesmo a pôr-lhe uma pata sobre um hombro. Um por um, mais quatro lobos foram chegando, e o Zé, apesar dos seus ares submissos e respeitosos, estava já a vêr-se repartido entre aquella sucia damnada. Pouco a pouco, foi tendo animo, vendo os bichos sempre quietos; mas de repente, julgou perceber que elles trocavam entre si certos olhares cavilhosos, movendo repetidamente as dentaduras temiveis em gestos de trincar, ao mesmo tempo que o lobo maior, o que chegára primeiro, piscava risonhamente um olho ao rapazito espantado. Então, começou a ouvir uma voz distante cantando tristemente n'uma toada que implorava; e essa voz um pouco rouca pareceu ao Zé ser a de sua propria mãe, quando ás tardes, segundo as indicações pias do senhor abbade, garganteava devotamente uma Salve Rainha monotona, em vez das condemnaveis cantigas tradicionaes. Os lobos puzeram-se em pé, de pellos erriçados, e como a voz continuava sempre, desataram a fugir raivosamente; mas na sua carreira forçada, voltavam-se de vez em quando, ameaçadores e mostrando os dentes ao Zé, que cada vez mais espantado, reconhecia agora nos focinhos enfurecidos dos lobos singularmente corridos, as caras sujas dos garotos que o tinham abandonado na matta; principalmente o maior, quando já ia desaparecendo ao longe, parecia exactamente o mau Joaquim da Colla, em pé, e offerecendo-lhe murros, com as mãos fechadas. Depois, subitamente, uma sombra informe debruçou-se sobre elle, querendo evidentemente agarrar-o, em quanto que a voz amiga, como que aproximando-se, sustentava intensamente um crescendo de alegria triumphante. Foi n'esse momento mesmo que o rapazito acordou sobresaltado e tremulo, sentindo-se preso e levantado em braços robustos.

Assim que chegou á porta da Margarida, no caminho lamacento da fonte, a Angelica bateu com força tres palmadas cheias; lá dentro, uma voz aguda e chorosa perguntou:

— Quem está lá?

— Trago-te aqui o teu filho, mulher!

Logo, a porta abriu-se, e a mãe desaffogou o seu contentamento enorme n'este brado de negro e contestavel carinho:

— Onde topastes tu este bandalho?

Tinha estado muito afflicta, a chorar pelo pequeno perdido, desde que anoitecera; algumas visinhas incommodadas pela chiadeira lamentosa, tinham ido interessadamente consolal-a, dizendo-lhe á toa que o Zé não tardaria; mas a Margarida nunca se quiz calar, protestando maguadamente — que aquelle rapaz era os seus peccados! Agora, vendo-o inesperadamente em casa, sentia uma furiosa necessidade de se vingar dos cuidados e receios que o filho lhe causára, e ter-lhe-ia batido com gosto, se a Angelica não intervisse, compassiva:

— Deixa-o, coitadinho, deixa-o lá!

E pôz-se então a contar, com longos detalhes e informações minuciosas, como o tinha visto na companhia dos outros malcreados quando desceu com o rebanho pela mata, e como á noite, ao voltar da borda do rio, o encontrára por acaso adormecido sobre uns penedos muito altos, muito altos! Espantava-se do encontro providencial, e repetia com surpresa:

— Foi milagre, isso foi!

Entretanto, na lareira ardiam vivamente uns cavacos secos, crepitando e erguendo pequenas lavaredas que espalhavam indecisamente por toda a casa baixa e acanhada, de paredes ennegrecidas, e só allumiada por uma pobre candeia dorminhoca, clarões tremulantes e avermelhados; a Margarida, já socegada, deu uma boa tijella de caldo quente ao filho, perguntando-lhe simplesmente porque era que elle se mettia com os bandalhos maiores; e fallando baixo, toda franca e expansiva com a Angelica, que muito rogada tinha tomado parte na ceia d'ella, confiava-lhe sob grande segredo que tivera medo sobretudo de que o seu homem chegasse repentinamente do barco, e não encontrasse o rapaz, por quem era mesmo doido. E calculava, n'um susto muito cantado:

— Meu Deus santo! o que ahí não iria...

A Angelica, comendo pausadamente as suas vér-sas, observou apenas, com uma convicção sabedora das fortes pancadarias que de vez em quando desabavam tempestuosamente sobre as costellas da outra:

— Tinhe-l'as búas!

Sentiam-se bem allí sentadas, sob a invasão lenta e deleitosa do calor que subia do grande brazeiro vivo e pittoresco; esqueciam-se a fallar interminavelmente, preguiçosas na delicia d'aquelle aconchego saboroso e dos seus estomagos repletos; e lá fóra, a noite muda ainda mais as deixava abandonarem-se n'uma intima serenidade. Aproveitando a ausencia favoravel do marido da Margarida, tinham mesmo escurripichado uma bella pinga esquecida n'uma cabáça, recommendando ao Zé, tambem muito contente e guloso, que não dissesse nada a ninguem; e para o atemorizar, com as cabeças um pouco estonteadas, puzeram-se a citar longamente casos sinistros de rapazes chupados por bruxas, e mettidos em fornos rubros e infernaes, por serem linguareiros. Mas a Angelica voltava sempre á historia do encontro milagroso do Zé, sobre os penedos perto do rio; por fim, recordou-se de mais um pormenor interessante, e contou-o logo, satisfeita e massadora. Quando pegára no «próbesinho», pondo-o ao collo, elle estava a tremor todo, com os olhos muito arregulados, e agarrando-se com tal força ao lenço d'ella que quasi lh'o ia rasgando! E tomada outra vez de compaixão, concluiu:

— Aquillo era medo, coitadinho.

Então a Margarida, de subito assaltada por um novo terror de pancadas do esposo amavel, disse rancorosamente:

— Era melhor que o levasse o diabo!

E esteve a ralar durante um bocado, ameaçadora. Sentado á lareira, feliz e sem frio, o Zé fustigado pela voz aspera da mãe, lembrava-se vagamente d'aquella voz triste e distante que em sonho o livrará dos lobos zombadores.

Monteiro Ramalho.

EPHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1823.—Setembro 11.—Morre na villa das Caldas da Rainha o erudito botanico José Correia Serra, nascido em Serpa em 6 de junho de 1750.

O abba de Corrêa da Serra foi, com o duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança, fundador da Academia Real das Sciencias de Lisboa onde foi secretario perpetuo. Este illustre sabio teve fama europeá.

1850.—11.—Representa-se pela primeira vez no theatro do Gymnasio a engraçada opera comica, em 3 actos *O Andador das almas*, musica de Frondoni.

É uma espirituosa parodia á opera de Donizetti *Lucia de Lamermoor*, escripta pelo sr. Francisco Palha, auctor da *Fabia*, *Morte de Catim-bau* e outras produções que revelam a riqueza da sua imaginação e a finura do seu espirito.

1805.—12.—Manda-se que de todos os papeis impressos em Portugal seja remettido um exemplar á bibliotheca publica de Lisboa.

Esta determinação foi seguida da lei de 19 de setembro de 1822, que impunha a multa de 20 exemplares de cada obra que não fosse remettida.

O decreto de 30 de dezembro de 1824 revogou aquellas determinações.

Infelizmente a lei a este respeito tem sido letra morta para alguns. Tem havido infractores que se tem arrojado a sollicitar da propria bibliotheca nacional assignaturas para os seus impressos, recusando-se terminantemente a envial-os gratuitamente como lhe cumpre, em vista da lei.

Em os infractores sabendo que a Bibliotheca Nacional não lhes deve comprar os impressos, e que estão sujeitos á multa que a lei lhes comina se não os mandarem, em elles vendo que a portaria de 27 de agosto de 1835 sobre a *forma do processo para a imposição das multas* se cumpre á risca, tenho como certo que não hade haver tanto abuso no cumprimento da lei.

1877.—13.—Morre em sua casa e quinta de Valle de Lobos, perto de Santarem, pelas 10 horas e 10 minutos da noite, de uma pneumonia, o grande historiador e eminente poeta e romancista portuguez Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo, denominado o Walter Scott, o Thierry e o Macaulay portuguez.

Foi sepultado no dia 14 no cemiterio de Asoia, concelho de Santarem.

O nome de Alexandre Herculano devemos nós pronunciar-o com o mesmo respeito, com que Newton pronunciava o nome de Deus.

Os obreiros do progresso teem jus a um culto, que tenha um tanto de divino.

1880.—14.—A Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes, fundada pelo sr. Eduardo Coelho, Luciano Cordeiro, João Carlos Rodrigues da Costa e outros jornalistas, abre pela primeira vez as suas salas para receber extraordinariamente mr. Jules Lermine, representante da Associação Litteraria Internacional, afim de se assentarem as bases da sessão do congresso internacional de litteratura em Lisboa.

A este acto estiveram presentes 58 socios.

1765.—15.—Nascimento do poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage.

Falleceu em 21 de dezembro de 1805.

Muitos teem collocado a data de nascimento do nosso primeiro poeta popular em 17 de setembro de 1766. Veja-se o que a este respeito diz o *Diccionario Bibliographico*, Tomo 6.º, pag. 45-47.

1820.—15.—Nasce em Lamego Josepha Soller de Assis, actriz que occupou um dos primeiros logares no theatro portuguez.

1847.—15.—E' publicado o primeiro numero do jornal politico *A Nação*, redigido pelo sr. D. Salvador Manuel de Vilhena, João de Lemos, Pinto Coelho, D. Eugenio de Lucio, Fernando Pedroso e outros cavalheiros pertencentes ao partido legitimista.

1857.—16.—Mr. e M.^{me} Poitevin sobem ao ar no seu famoso balão *Agua Audaciosa*.

A ascensão tem lugar na praça do Campo de Sant'Anna pelas cinco horas e meia alvoroçando este extraordinario acontecimento toda a Lisboa.

N'este dia offereceu-se para ir na barquinha o denodado portuguez D. João de Menezes, sendo muito applaudido pelo seu arrojado.

A segunda viagem effectuou-se na tarde do dia 20, indo mr. Poitevin montado n'um burro e levando por companheiros os irmãos Assis, um soldado de marinha e outro de caçadores. O francez prometia 27\$000 réis a quem o quizesse acompanhar.

Ainda houve terceira viagem, no dia 27, e uma ultima no dia 11 de outubro, indo mr. Poitevin montado n'um touro e lançando foguetes!

1856.—16.—Debuta em S. Carlos, na opera de Petrella, *Assedio de Leyde*, a prima dona absoluta Margarida Bernardi, uma das mais formosas e gentis virtuosas que até hoje tem pisado o palco do nosso theatro lyrico.

Um prodigio de belleza! exclamavam alguns *dilettanti*, fallando d'esta gentilissima cantora; *um anjo cahido do ultimo degrau do throno do Creador*, disse d'ella um poeta; *um reverbero da luz divina*, escrevia outro entusiasta, o *Sol da Italia* accrescentava um jornalista.

Abstrahindo de toda aquella alluvião de qualificativos pindaricos com que os admiradores thuribulavam incessantemente a formosa diva, direi simplesmente que Bernardi possuia uma voz de *mezzo soprano* muito regular, extensa e afinada, e excellente methodo de canto, se bem que lhe faltasse a agilidade requerida em certas partituras mais dillicies.

1855.—16.—Apparece no real theatro de S. Carlos um magnifico lustre, comprado em Paris por 15:000 francos (2:700\$000 réis).

N'este dia, em que se solemnizou a aclamação de D. Pedro V, se estreou o panno de boca pintado por Tony e Cinatti, representando Vasco da Gama na ilha dos Amores.

1843.—16.—Apparecem no theatro de S. Carlos pela primeira vez os conjugues Mabili, primeiros bailarinos francezes.

Os conjugues Mabili adquiriram a sua celebridade no celebre *baile Mabili*, fundado em 1840, que deu tantas notabilidades coreographicas no genero faceto, e entre ellas o famoso Chicard, inventor do Can-Can.

1811.—17.—E' prohibido por ordem regia a entrada n'estes reinos, do periodico politico *O Correio Braziliense*, sob o pretexto de «ser instrumento de anarchia e concitar odios e revoluções nos povos, perturbar a harmonia estabelecida em todas as ordens do estado e procurar promover a destruição dos thronos e dos altares.»

Esta ordem foi passada em edital pelo Desembargo do Paço em 12 de março de 1812 e renovada em alvará de 25 de junho de 1817 pelo que respeita a este jornal e ao *Portuguez*, de João Bernardo da Rocha.

1820.—18.—E' approvedo o *Codigo Commercial Portuguez*, feito pelo juriconsulto, José Ferreira Borges.

O dr. Manoel Antonio Coelho da Rocha, fez um juizo critico a respeito d'este codigo.

1836.—19.—São prohibidas em todo o reino as corridas de touros, como *divertimento barbaro e improprio das nações civilizadas, servindo só para habituar os homens ao crime e á ferocidade*.

Este decreto de Manoel da Silva Passos foi revogado pela carta de lei de 30 de junho de 1837.

1811.—20.—Nasce no Porto Carlota Talassi da Silva, que foi uma das primeiras actrizes do theatro portuguez.

Tallassi e Soller são duas das primeiras individualidades artisticas que na historia do theatro portuguez, na primeira metade d'este seculo, se manifestaram mais potentes e esplendorosas, tornando-se o alvo de repetidas ovações, o que não podia deixar de ser, porque as nossas platéas ainda não se haviam arrebatado ante o sublime da arte consubstanciada nas Restoris, Pasquali, Pezanas, Casilini, Paladini, Sarah Bernhardt, e outras notabilidades europeas, nas quaes os nossos artistas teem aprendido e se teem aperfeiçoado.

1844.—20.—E' instituido em Coimbra, um *Conselho Superior de Instrução Publica*, que veio substituir o *Conselho Geral Director do Ensino Primario e Secundario*, creado em 15 de dezembro de 1836, o qual havia substituido a *Junta Directora*, creada em 17 de dezembro de 1794.

O *Conselho Superior de Instrução Publica* foi extinto em 7 de junho de 1859.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

ALMANACH DO HORT' CULTOR PARA 1883. Publicado sob a direcção de Duarte d'Oliveira Junior e editado por David Corazzi, Lisboa.—É um precioso livrinho a que serve de garantia o nome

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Quem cala consente.

1 Veja-se o OCCIDENTE, 1.º vol. n.º. 1 de 1 de Janeiro de 1878.

do sr. Oliveira Junior como um dos mais infatigáveis trabalhadores das coisas agricolas em Portugal. É já o segundo anno da sua publicação e estamos convencidos que terá a maior procura por parte de todos quantos se interessam pelos assumptos agricolas, sobre os quaes este almanach publica artigos muito interessantes além de grande variedade de gravuras de plantas.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS — *Tactica e Armas de guerra, com 15 gravuras, segundo anno, quinta serie, 1882—David Corazzi, editor, Empresa Horas Romanticas, premiada com medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro, administração: 40 rua da Atalaya, 52, Lisboa. Succursal no Brazil, 49, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.* Louvamos a empresa por ter dado cabida na sua collecção a um livrinho, que tem por fim espalhar certas noções relativas á guerra entre o povo, que precisa e deve conhecê-las. E' muito antigo o proverbio: se queres a paz, prepara-te para a guerra; e no estado actual dos conhecimentos e progresso da humanidade, as nações só podem existir, mostrando que são trabalhadoras na paz, e que podem, quem e sabem sustentar os seus direitos pelas armas embora contra inimigo muitas vezes superior. Abre este opusculo pela proposição, que a

guerra é a historia da humanidade e uma das mais poderosas alavancas do progresso, demonstrando depois como a guerra tem sido meio de importantes melhoramentos e descobrimentos nas artes e sciencias. A geographia deve ás armas portuguezas e hespanholas o seu maior desenvolvimento, e como diz Prudhon, que não pôde ser accusado de reacionario: a guerra é a disciplina dos povos.

Combinar a perfeição do exercito, com o desenvolvimento moral e material de um paiz, deve ser todo o emprego do estadista, e se os nossos operarios, industriaes, commerciantes, letrados, etc. tivessem passado todos pelo serviço militar teriam contrahido habitos de ordem, disciplina, sobriedade e economia, que muita falta fazem a muitos nos usos da vida. Vejam-se bem as observações rapidas do opusculo a respeito da nossa historia militar, e sobre tudo as considerações do epilogo, medite-se sobre ellas e conhecê-se-ha melhor a utilidade d'este fasciculo.

ARTE DE APRENDER A NADAR EM MENOS DE UMA HORA, Versão do francez por Henrique Marinho. — Porto Livraria Civilização — editora — 8 — Santo Ildefonso — 10. Um folheto de 8.º, com 37 pag. e uma de indice. — Ainda quando o titulo promettera maior brevidade, do que aquella em que se possa conseguir facilidade no exercicio da natação, ainda que só em um mez se possam aprender todas as regras d'este opusculo, já isso era importante. A natação como todos os exercicios corporaes são indispensaveis n'uma boa educação, e este é muito necessario á maior parte da gente; por isso é um bom serviço, reunir em breves palavras e regras o que pode desinvolver entre o commum do publico este genero de exercicio.

acharem por emquanto fundamento a tal theoria, que está em vespuras de soffer completa transformação. Parece-nos que o auctor apoiando-se nas auctoridades hoje mais respeitadas, mostra bem que tal asserção e theoria não passa de uma hypothese atrevida e não já moderna, que está ainda bem longe de ser demonstrada, e accete como um axioma scientifico.

POESIA RECITADA NA FESTA DE CARIDADE DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DO PORTO EM HOMENAGEM A SS. MM. FF. por Alvaro de Paiva de Faria Leite Brandão. Porto. Esta poesia foi recitada, conforme diz no seu titulo, e ouvida com muito agrado, no meio de um escolhido auditorio a que presidiam SS. MM. por occasião da ultima visita que fizeram á cidade invicta.

GUTENBERG, Defensor dos interesses da classe typographica. Redactor Gaspar Alvares Marques. N.º 1, Lisboa — Este periodico vem satisfazer a uma necessidade, a qualera, a classe typographica ter uma publicação que lhe fosse dedicada e em que podesse tratar as questões que lhe interessam, sendo ao mesmo tempo uma publicação thechnica tão necessaria entre nós, e que no estrangeiro abundam.

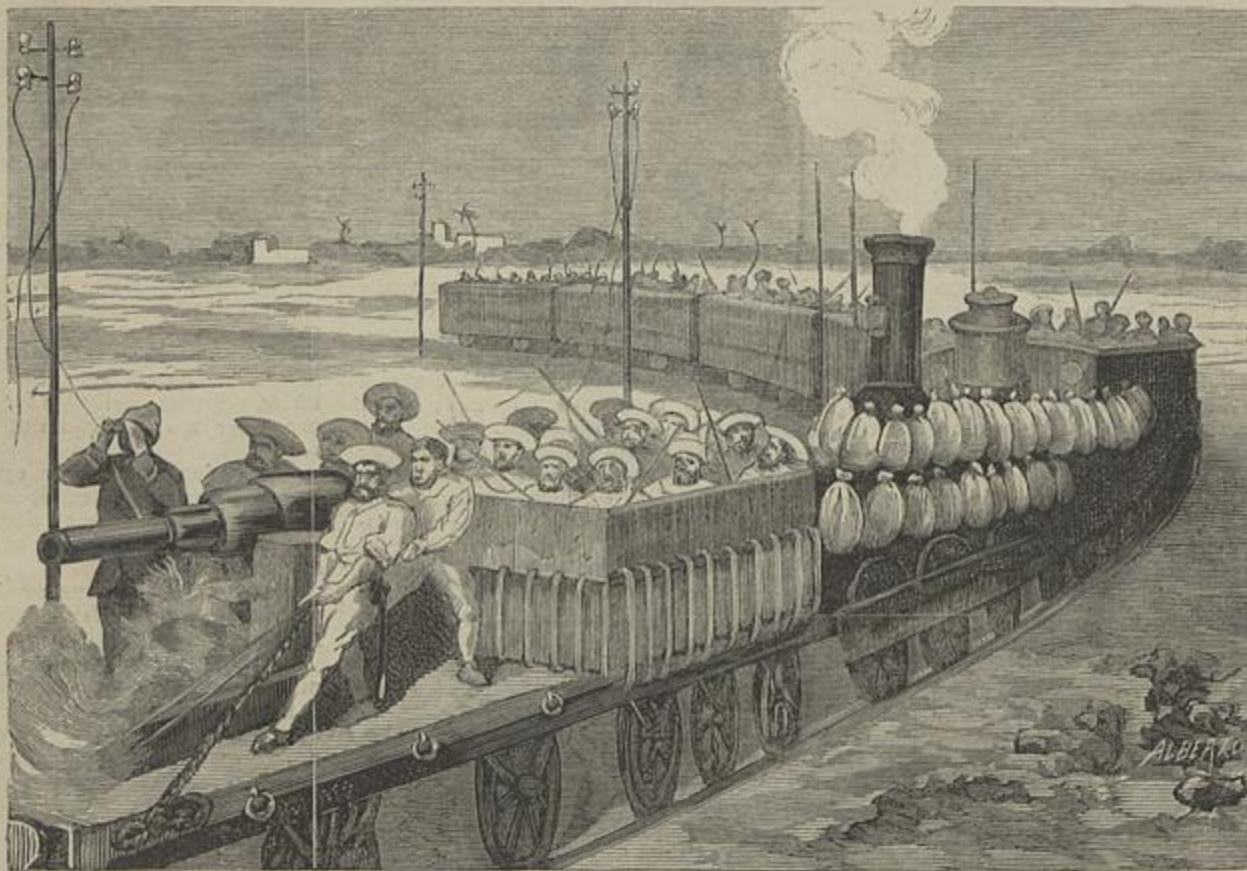
Pelo primeiro n.º do Gutenberg, que temos presente, não se pôde precisamente ajuizar se este

periodico virá effectivamente preencher a lacuna que deixamos apontada, entretanto é de esperar que assim succeda, porque os proprios interesses e necessidades dos typographos hão-de fazer reconhecer a sua utilidade, e por isso darem-lhe todo o desinvolvimento de que tanto carece uma publicação d'este genero entre nós.

NOTAS MUSICALES Y LITERARIAS, revista semanal, director D. Filippe Pedrell — Barcelona. Este periodico, que como se vê trata de assumptos musicas e litterarios, é bem escripto, começou a sua publicação ha pouco, e merece ser visto por quem se occupa de assumptos de artes e litteratura. Recebemos o n.º 7.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6



SUCCESSOS DO EGYPTO — COMEIO BLINDADO DO GENERAL ALISON

O PRIMEIRO HOMEM, estudo anthropologico e psychologico por F. A. Sanches de Gusman, Ponta Delgada, typ. rua do Botelho, 42, 1882, 8.º pequeno de 202 paginas e uma de erratas. — O auctor tem principalmente em vista a refutação de um opusculo publicado nas ilhas dos Açores, sob o titulo do Homem e o Macaco, em que se apresenta como demonstrada a theoria, já por mais de uma vez insinuada de que o homem é um macaco aperfeiçoado. A escola transformista, a principal propugnadora d'aquella theoria apoiando-se n'algumas proposições do famoso Darwin, ha pouco falecido, que ainda assim apresenta algumas ideias a tal respeito, mas sempre hypotheticamente, tem continuado os seus trabalhos para obter uma demonstração cabal sobre o assumpto. E' porém verdade que os mais antigos restos humanos, descobertos até hoje, apresentam uma perfeita identidade entre o homem mais antigo e o hodierno, concluindo muitos dos mais sabios investigadores estrangeiros por não

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Prefusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia

Deve sahir em breves dias este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS

Para as provineias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42 — Lisboa, onde devem ser dirigidas as encommendas.

MUDANÇA

A EMPREZA DO OCCIDENTE mudou os seus escriptorios de Redacção, Administração e Atelier de Gravura, para a RUA DO LORETO entrada pela RUA DAS CHAGAS, 42. Lisboa.